

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Redacção e administração

Toda a correspondencia dirigida a Anselmo de Souza.

Domingo 1 de maio de 1898

Assinatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes	300 réis
Provincias, 6 mezes	600 »
Numero avulso	60 »
Anuncios preço convencional	

SUMMARIO

As nossas glorias — União dos Atiradores Civis Portuguezes. — Regulamentos dos exercicios de tiro e de navegacao. — Bulhão Pato, por ZACHARIAS D'ACA. — Aos caçadores, por H. ASACHORETA. — Tratando de caça, por B. DE SA. — Carta, por UM CURIOSO. — O defezo, por F. G. — Club dos caçadores do Porto, por B. DE SA. — Associação dos Caçadores Portuguezes. — União Velocipedica Franceza, por PAULO ZITTE. — Viva José Bento Pessoa, por F. — Cyclismo, por CYCLO. — Vicente Roberto, por E. D'A. — José Joaquim Peixinho. — Revista quinzenal, por E. D'A. — Guia «Lançada» — Francisco Gonçalves Rita. — Vicente Roberto. — Eduardo Ferreira. — José Joaquim Peixinho — Correspondencia. — Anuncio.

GRAVURAS

A tripulação da «Lançada» — A «Lançada». — Francisco Gonçalves Rita. — Vicente Roberto. — Eduardo Ferreira. — José Joaquim Peixinho.

As nossas glorias

ESTAMOS a quinze dias da celebração do *Quarto Centenario do descobrimento do caminho maritimo da India*, e, com orgulho de verdadeiros portuguezes, rejubilamos com a celebração d'um facto tão grandioso que se tornou universal; tal foi a sua importancia economica e politica.

Se Portugal, á beira d'um abysmo, que incensata e criminosamente lhe tem sido cavado, sem que elle o mereça, não tivesse factos d'esta ordem a eleva-o no conceito das nações e no respeito dos povos cultos, seria talvez o momento de chorarmos a perda da nossa nacionalidade. Mas, um povo com tradições como o nosso, não pode morrer na historia, nem desaparecer de entre as nações independentes.

Na campanha a favor da celebração do centenario, honra e gloria a todos os que n'ella teem collaborado, e esqueçamos perante a grandiosidade do facto commemorado, aquellos que, mesquinhos interesses e vaidades mal disfarçadas a teem contrariado.

Do coração lastimamos que factos alheios á nacionalidade Portugueza, — que oprimem os nossos corações cheios de amor fraternal, — venham lançar uma pequena nu-

vem sobre a commemoração d'um facto que é symbolisado com o nome do grande navegador *Vasco da Gama*.

Que esta celebração possa influir para que na peninsula se reflitam novas glorias, e nomes de grandes e prestimosos almirantes, são estes, os nossos ardentos votos.

Em seguida publicamos o :



A tripulação da «Lançada»

Programma dos festejos

Dia 11. — A' 1 hora da tarde: Inauguração do Congresso Nacional de Medicina e Hygiene, promovido pela Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, na sala de Portugal da Sociedade de Geographia;

A's 8 e meia horas da noite: Conferencia do mesmo congresso, na mesma sala.

Dia 12. — A's 3 horas da tarde: Inauguração da Exposição Nacional de Bellas Artes, promovida pelo Gremio Artístico, na Academia Real das Bellas Artes de Lisboa;

A's 8 e meia horas da noite: Primeira representação do *Auto dos Esquecidos*, por Sousa Monteiro, drama premiado no concurso aberto pela comissão central executiva do centenario (promovido pela sociedade empresaria do theatro da Trindade) no theatro da Trindade.

Dia 14. — A' 1 hora da tarde: Manhã artistica e litteraria (promovida pela sociedade dos actores dramaticos do theatro de D. Maria II) no theatro de D. Maria II;

A's 8 e meia horas da noite: sessão solemne inaugural da exposição da imprensa (promovida

pela Associação da Imprensa Portugueza) no Atheneu Commercial.

Dia 15. — A's 8 horas da manhã: abertura da feira franca de Lisboa (promovida pela comissão central executiva do centenario) na rotunda da Avenida da Liberdade;

A's 10 horas da manhã: abertura ao publico da exposição da imprensa;

A's 12 horas do dia: regata internacional, á vela, (promovida pela comissão central executiva com a cooperação das associações de recreio nautico portuguezes) em Paço d'Arcos;

Dia 16. — A's 12 horas do dia: regata internacional, á vela (promovida pela comissão central executiva com a cooperação das associações de recreio nautico portuguezes) em Paço d'Arcos;

A's 8 e meia horas da noite: sessão solemne da Sociedade de Geographia, na sala de Portugal da mesma sociedade.

Dia 17. — Gala nacional. A's 5 horas da manhã: alvorada de festa. Salva de 100 tiros nas fortalezas e navios de guerra. Abertura das egrejas. Embandeiramento dos edificios publicos. Musicas nas praças e ruas. Grandes girandolas de foguetes;

A's 12 horas do dia: regata internacional, a remos, (promovida pela comissão central executiva com a cooperação das associações de recreio nautico portuguezes) entre Alcantara e Belem;

A's 4 horas da tarde: Revista naval internacional;

A's 9 horas da noite: Illuminações geraes;

A's 10 horas da noite: Grande fogo de artifício no caes exterior da doca de Alcantara.

Dia 18. — Gala nacional. A's 5 da manhã: Alvorada de festa; grandes girandolas de foguetes; Embandeiramento geral;

A' 1 hora da tarde: Solemne *Te-Deum* na egreja de Santa Maria de Belem (Jeronymos);

A's 5 horas da tarde: Parada das forças de terra e mar e escolas militares na Avenida da Liberdade;

A's 4 horas da tarde: Visita de el-rei á feira franca de Lisboa;

A's 9 horas da noite: Sarau de gala no Real Theatro de S. Carlos, organizado pela sociedade empresaria do Theatro da Trindade. Illuminações geraes.

Dia 19. — Gala nacional. A's 5 horas da manhã: Alvorada de festa; grandes girandolas de foguetes. Embandeiramento geral;

A's 12 horas do dia: Cortejo de homenagem e commemoração civicã;

A's 9 horas da noite: Illuminações geraes.

Dia 20. — Gala nacional. A's 5 horas da manhã: Alvorada de festa; grandes girandolas de foguetes. Embandeiramento geral;

A' 1 hora da tarde: Inauguração do aquario



A «Lançada»

Propriedade do Real Club Naval de Lisboa

Vasco da Gama (promovido pela comissão central executiva do centenário), em Algés;

A's 2 horas: Inauguração da exposição de alfaias e instrumentos agrícolas (promovida pela Real Associação Central de Agricultura na Tapada da Ajuda);

A's 4 e meia horas: Tournée á antiga portu-gueza (promovida pela comissão central executiva com a cooperação do Club Tauromachico Portuguez) na praça do Campo Pequeno;

A's 8 e meia horas da noite: Espectáculos gratuitos nos theatros e circos (promovidos pela comissão central executiva com a cooperação das respectivas empresas);

A's 9 horas da noite: Illuminações geraes;

A's 10 horas da noite: Baile ás camaras municipaes (promovido pela comissão central executiva com a cooperação da Sociedade de Geographia) na séde da sociedade.

Dia 21.—A's 9 horas da manhã: Concurso de tiro (promovido pela comissão central executiva com a cooperação das associações de tiro e da direcção da carreira de tiro da guarnição de Lisboa) na carreira de Pedrouços.

Dia 22.—A's 9 horas da manhã: Concurso de tiro como no dia antecedente;

A's 3 horas da tarde: Concurso de velocidade, (promovido pela comissão central executiva com a cooperação das associações velocipedicas portuguezas.)

TIRO

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Comissão installadora

SESSÃO DE 20 DE ABRIL FIMDO. — Presentes os srs.: dr. Cunha Bellem, presidente; Anselmo de Sousa, Eduardo Noronha, Fraga Pery, Corrêa Pinheiro, Pinheiro de Mello e Pedro Ferreira.

O sr. presidente communicou que a comissão fóra recebida pelo sr. ministro da guerra, que a recepção fóra captivante; propondo se lançasse na acta um voto de agradecimento.

Antes da ordem da noite, receberam-se as contas da extincta Associação dos Atiradores Civis Portuguezes; o passivo era de 258\$830 rs. e o activo de 70\$085 rs., pela seguinte fórma: em dinheiro 38\$685 réis; d'estes 10\$850 eram saldo de premios, o resto de quotas recebidas; em recibos de quotas não pagas, atrazadas, réis 13\$400 e em valores para realisar 18\$000 réis.

O sr. A. de Sousa entregou, por parte do sr. Fraga, 10\$000 réis importancia do premio que obteve no ultimo desafio de tiro e que cedeu a favor do cofre da União.

O sr. presidente propoz, e foi votado por unanimidade, que na acta se lançasse um voto de congratulação pela victoria do sr. Fraga, outro de agradecimento pela sua offerta.

O sr. Fraga communicou que o sr. ministro do reino recebe a comissão no dia 21 ao meio dia.

Resolveu-se nomear uma comissão que vá participar a El-Rei a organização da União, solicitando-lhe o seu apoio; resolveu-se mais: que essa comissão procurasse o sr. presidente da camara municipal; não adoptar distinctivo para o cortejo; ponderar ao sr. director da carreira de tiro a conveniencia de na carreira haver um restaurant por occasião do concurso.

O sr. Corrêa Pinheiro communicou que existiam em cofre 48\$685 réis e recibos na mão do cobrador na importancia de 66\$200 réis.

Foram admittidos 9 socios.

Levantou-se a sessão eram 11 horas da noite.

SESSÃO DE 27 DO MESMO MEZ. — Presentes os srs.: dr. Cunha Bellem, presidente; Anselmo de Sousa, Eduardo Noronha, Fraga Pery, Corrêa Pinheiro, Pinheiro de Mello, Pedro Ferreira, José Antonio Nunes, Gil Dias e Paula e Mello.

O sr. presidente, communicou que a comissão foi amavelmente recebida pelo sr. presidente do conselho, ficando de a apresentar a El-Rei; lançou-se na acta um voto de agradecimento; em seguida apresentou a exposição que será lida a El-Rei e que foi approvada, dizendo mais que esteve com o sr. presidente da camara municipal e que este dissera que receberia a comissão em qualquer dia, do meio dia ás 3 horas da tarde.

O sr. Fraga Pery declarou que está deferido o pedido para despacho de armas de guerra.

Notou-se as vantagens que d'ahi veem aos atiradores. Parece que será o ministerio da guerra quem mandará vir as armas que se lhe peçam, ficando depois em poder da União.

Fallou-se sobre vários assumptos, terminando a sessão ás 10 e meia horas da noite.

Circular enviada a todos os socios da UNIÃO jornaes e associações

Quando uma inspiração de elevado patriotismo deu vida e existencia legal aos agrupamentos formados por atiradores civis, accorreram em bom numero os entusiastas e fanaticos de tão sympathica idéa a organizar associações e grupos, no generoso intuito de aperfeiçoarem na pratica do tiro os que já d'este exercicio tinham experiencia e de educarem n'elle os que lhe eram completamente estranhos, — que de uns e outros se faria a materia prima para o recrutamento de bons defensores da patria, e n'este esforço de vontades conjugadas iria a propaganda salutar para que o espirito publico acco- lhesse de bom grado e com subido favor as associações nascentes, senão pela sua propria valia, ao menos pela valia das suas nobres aspirações.

Ociosos será relembraçom como estes agrupamentos viveram, com mais esplendor do que efficacia, comquanto não de todo inuteis fossem os seus trabalhos em lançar á terra uma semente, que tem germinado, e ha de, em futuro proximo, florescer e fructificar; e se em competencia de leaes emulações andaram, tambem com lealdade igual reconheceram quanto a divisão lhes trazia fraqueza e como um erro original de organização lhes frustrava, em boa parte, o exito de todos os esforços.

Então, tudo sacrificaram em homenagem á salvação do principio, a que visaram todos os seus melhores e mais sinceros desejos. Vaidades de autonomia, desvanecimento de denominações já consagradas, orgulhos de fausto, sonhos de esplendores associativos, erros do passado que tinham tido brilho, a tudo abjuraram, para se congregarem em fraternal laço da mais sincera e inabalavel lealdade, sob o modesto titulo de União dos Atiradores Civis Portuguezes, tendo por unica séde a carreira de tiro da guarnição de Lisboa, por ponto de reunião, por escola, por campo de trabalho, por theatro de gloria a carreira de tiro.

D'esta união, que representa um acontecimento importantissimo na existencia dos agrupamentos de atiradores civis, vem hoje dar parte a comissão installadora, appellando para todas as dedicações, para o consenso de todas as boas vontades, para o resurgimento de todas as actividades adormecidas, para a victoria sobre todas as inercias e indifferenças, dizendo a todos com profunda convicção, que é mister trabalhar para o desenvolvimento e generalisação da educação de tiro pois nos momentos solemnes vale mais do que todos os discursos de inflamado patriotismo, fallando ao coração que pulsa sempre e não carece de estímulos, mas não tendo poder de dar movimento e direcção aos braços que não hajam sido educados na mais santa, na melhor, na mais levantada das aprendizagens, aquella onde cada um adquiere o conhecimento do que terá a fazer para defender a patria.

Assim: aos associados da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, da Associação dos Atiradores Civis Estrella e do grupo do Atheneu Commercial participa a comissão installadora o facto da aliança e afirma que os continúa, desde este momento, a considerar socios da União dos Atiradores Civis Portuguezes para todos os effeitos, contando que nem só desertará, quando vida nova promete mais ridente futuro, quando a proximidade de um concurso nacional, em excepcionaes condições de esplendor, assegura auspicioso inicio á União nascente.

Aos agrupamentos que em diversas terras do paiz se organizaram com vida ephemera, exhorta e anima a União a que renasçam para a vida, a que redobrem de esforços para a conquista d'esse ideal a que todos andam dedicados; e se apoio moral, incitamento e exemplo lhes pode dar, tudo oferece quanto nos seus recursos caiba para lhes inspirar alento, lhes imprimir direcção, lhes insufflar vigor.

A todos os homens bons, de todas as categorias sociaes, a todos os dedicados portuguezes, — e todos são os que amam com entranhado amor a sua gloriosa patria, — conclama a União que com ella cooperem, já alistando-se sob as suas bandeiras, já formando agrupamentos por todas as terras do paiz onde haja condições propicias para a instrucção de tiro, já fazendo propaganda e dando exemplo de elegancia nos certames de amadores d'esta tão util manifestação da educação physica, já concorrendo com donativos em cargas para a educação gratuita dos ignorantes, que não possam supportar os encargos da acquisição d'ellas.

A todos está campo aberto para as manifestações diversas de actividade em proveito da mesma santa e patriótica idéa.

Mas a ninguem mais do que ao jornalismo portuguez, — e para elle appellá a União em ultimo lugar, visto que, no seguimento logico das

suas idéas, lhe não poude consagrar o primeiro, — a ninguem mais do que ao jornalismo portuguez está reservado quinhão glorioso e proficuo n'esta communitate de actividades, porque superior a todos, elle tem os meios de propaganda e de apostolado, porque a ninguem cede em patriotismo e devoção, porque, mais nitida e reflectidamente que qualquer, reconhece a enorme vantagem da educação do tiro civil.

A todos o apello em nome da realisação de uma idéa; e a todos que a protegerem e acompanharem a mais entranhada gratidão da União dos Atiradores Civis Portuguezes.

Abril, 1898.

A COMISSÃO INSTALLADORA: — A. M. da Cunha Bellem, presidente; Anselmo de Sousa, vice-presidente; Eduardo de Noronha, 1.º secretario; Fraga Pery de Linde, 2.º secretario; Antonio Correia Pinheiro, thesoureiro. VOGAES. — A. F. de Sousa Machado, Francisco de Paula e Mello, Gil Dias, José Antonio Nunes, José Pinheiro de Mello, Pedro José Ferreira.

Os desafios de tiro á lalia

No domingo 17 de abril realisoou-se o 7.º desafio de tiro. Matricularam-se 46 atiradores; d'estes foram classificados 27 com 50 % sendo premiados os seguintes: Fraga Pery de Linde, 27 balas empregadas, premio 10\$000 réis.

Francisco Gonçalves Rita, 26 balas; premio 10\$000 réis.

Ligorio S. da Silva, 24 balas; premio 6\$360 réis.

Joaquim Carrilho Garcia, 24 balas; premio; 6\$360 réis.

Antonio J. Valladares, 18 balas; premio, 5\$000 réis.

Oscar Blanc, 18 balas; premio, 5\$000 réis.

Augusto Ferreira Pinto, 16 balas; premio, réis 5\$000.

Antonio José Gomes, 16 balas; premio, 5\$000 réis.

Os srs. Rita, Valladares, Blanc, Pinto e Gomes, são dos atiradores matriculados em 1897 e 1898.

REALISOU-SE, no ultimo domingo do mez findo, o oitavo e ultimo dos desafios organizados pela comissão que tem a seu cargo levar a effeito o concurso nacional de tiro, nos festejos do Centenario, presidida pelo nosso distincto amigo tenente-coronel Souza Machado, a quem muito se deve, não só na realisação d'estes desafios, mas no brilho e bom exito, que o futuro concurso possa ter.

Todos os que são de opinião que os premios em dinheiro, além de mais praticos, são os que mais atraem, tiveram occasião de avaliar a verdade d'essa opinião. Se os desafios não tiveram um resultado que nos deslumbrou, pela muita concorrencia á carreira, fizeram no entanto com que a vissemos animada e concorrida como de ha muito não havia memoria.

Infelizmente as boas vontades esbarram, no maior numero dos casos, com difficuldades insuperaveis; a lide que tiveram os nossos amigos Souza Machado e Alberto Vergueiro para conseguirem os fundos para os desafios, sabemol-o nós, e chegaram tarde; nos dois primeiros domingos não se effectuaram os desafios devido unicamente ao nosso mecanismo administrativo, rotineiro por excellencia, e que pertence ao seculo passado; não é com certeza d'estes tempos de actividade, em que existem o vapor e a electricidade; agora, no fim, n'este ultimo domingo, estava annunciada a entrega d'umas celebres medalhas, offeredidas pela Camara Municipal de Lisboa, e que se estão cunhando desde outubro ou novembro! mas que ainda não estão promptas!

Isto é unico... Que má sorte persegue toda a iniciativa, que n'este paiz quer irromper com este *azaronismo*, que se tem apoderado de todo o nosso meio, fazendo vergar as mais decididas energias? não o sabemos, mas sentimol-o pezar bem sobre nós. Lá ficou a distribuição das medalhas não sabemos para quando.

N'este ultimo desafio sahiram vencedores:

Gonçalo Heitor Ferreira, 27 balas acertadas, premio 10\$000 réis.

Ignacio Franco, 26 balas, 6\$360 réis.

Antonio Joaquim da Silva, 22 balas, 5\$000.

Augusto Ferreira Pinto, 19 balas, 5\$000 réis.

Os dois ultimos são da matricula de 1897 e 1898.

Inscreveram-se 49 atiradores, foram classificados com 50 % dos tiros disparados, 21; desistiram 4. Dos classificados empregaram, 27 balas, um; 26, um; 25, um; 22, dois; 21, dois; 20, dois; 19, dois; 18, cinco; 17, tres e 16, dois.

Os 21 classificados empregaram 108 balas no alvo a 400^m, 172 no alvo a 200^m, figura de joelhos, e 134 no alvo a 200^m, fogo de repetição.

Estes numeros provam a excellencia das novas armas da nossa infantaria de marinha, *Mannlicher*, que é muito mais justa e precisa que a *Kropalcheck*. Se os nossos atiradores civis tivessem mais exercicios com ella no fogo de repetição, este fogo daria brillhantes resultados, como o daria tambem o fogo no alvo circular, se elle estivesse collocado a 300 e não a 400^m.

Dos 28 atiradores, não classificados, 26 que fizeram fogo ao alvo de figura de joelhos, ainda attingiram este alvo com 141 balas, ou seja uma percentagem de 54,29%.

O total de tiros disparados no desafio foi de 11400; os acertados foram 740, ou seja o aproveitamento total de 52,89% dos tiros disparados.

Parece-nos que ficou bem demonstrado que temos atiradores de primeira qualidade assim os tivéssemos em quantidade.

Na carreira esteve o sr. dr. Cunha Bellem, presidente da commissão da União, que a pedido do nosso amigo sr. Vergueiro fez a distribuição dos premios; tambem ali esteve o nosso amigo sr. José Pinheiro de Mello, vogal da mesma commissão.

A classificação foi feita pelo sr. A. de Menezes e director d'esta revista.

Veremos agora o seguimento dos trabalhos da carreira

Regulamento dos exercicios de tiro e de navegação

GENERA

CAPITULO I

Fins

ART. 1.º—Sob o titulo de — *Os exercicios de tiro e de navegação* — é constituída uma sociedade, que tem por fim:

- 1.º—Desenvolver e aprefeioar a arte do tiro.
- 2.º—Organisar concursos de tiro, festas e regatas

CAPITULO II

Composição da sociedade

Art. 2.º—A sociedade compõe-se de socios effectivos e honorarios.

Art. 3.º—Todos os Suissos, de boa conducta e costumes, com 16 annos de idade completos; e os filhos dos socios, de qualquer idade, podem ser admittidos na sociedade, como socios effectivos.

Art. 4.º—Os estrangeiros, com a idade de 16 annos completos, podem ser admittidos, como socios honorarios.

Art. 5.º—A admissão dos candidatos faz-se por meio de proposta apresentada por 2 socios, e approvada pela maioria dos membros da commissão presentes á sessão, em que a proposta fór julgada.

No caso porém de ser proposto um estrangeiro, para socio honorario, a sua admissão só poderá ter logar, se o candidato reunir os $\frac{3}{4}$ dos votos dos membros presentes á sessão.

Art. 6.º—A fim de facilitar as admissões pôde um commissario de serviço admittir provisoriamente, durante as sessões de tiro, os candidatos, que forem apresentados por 2 socios.

Estas admissões devem ser ratificadas pela Commissão na proxima sessão.

Nenhum candidato poderá atirar ao alvo da sociedade, sem que primeiro tenha depositado nas mãos do caixa a importancia do seu direito de admissão.

Art. 7.º—Os novos socios entrarão no cofre, com a importancia de 5000 réis, por direito de admissão.

Esta importancia é reduzida a 3500 réis para os filhos dos socios,

Os novos socios receberão um diploma, um exemplar do regulamento e o distinctivo da sociedade.

O diploma é assignado pelo Presidente, Thesoureiro e Secretario Geral.

CAPITULO III

Da assembléa geral

Art. 8.º—A assembléa geral compõe-se de todos os socios effectivos, da idade de 20 annos completos, e d'aquelles que completarem esta idade, no anno em que tiver logar a assembléa.

Os socios honorarios podem assistir, mas só teem voto consultivo.

Art. 9.º—A assembléa geral reune-se nos tres primeiros mezes do anno. Em caso de urgencia pôde ser convocada em qualquer outra occasião; se a Commissão o julgar necessario.

Será tambem convocada extraordinariamente, a pedido escripto de pelo menos 50 socios, para um fim determinado.

A assembléa geral periodica é convocada por meio de annuncio inserido por 4 vezes na *Folha d'avisos*, o primeiro dos quaes será publicado, o mais tardar, 3 semanas antes da reunião.

Art. 10.º—A assembléa geral tem as seguintes attribuições:

- 1.º—Rever o regulamento da sociedade.
- 2.º—Deliberar sobre a compra e venda de immoveis, assim como sobre os debitos e creditos da sociedade.

As decisões sobre estes assumptos serão submettidas á approvação do conselho d'estado.

3.º—Nomear a Commissão.

4.º—Resolver sobre o orçamento apresentado pelo thesoureiro, em nome da Commissão.

5.º—Resolver, em ultima instancia, sobre todos os casos não previstos n'este regulamento.

Art. 11.º—A nomeação da Commissão tem logar por maioria absoluta dos votos presentes, para os *Officiaes*; e por maioria relativa, e em escrutinio de lista, para os *Commissarios*.

Se a maioria absoluta, para a nomeação dos *Officiaes* não fór obtida depois de 2 votações seguidas, proceder-se-ha a uma 3.ª votação, entre os 2 candidatos, que tiverem obtido mais votos. Em caso de equaldade de suffragios, n'esta votação, será considerado eleito o mais velho.

Art. 12.º—Todo o socio pôde apresentar á assembléa geral as propostas, que tiver por convenientes, ao bem da sociedade; para este effeito deve dirigir as suas propostas á Commissão 10 dias antes do dia fixado para a assembléa geral. Logo depois da sua recepção serão estas postas á disposição dos socios.

A Commissão fará conhecer o seu parecer sobre estas propostas.

Toda a proposta, que não tiver sido dirigida á Commissão como fica dito, será depois de uma votação preconsultiva reenviada á Commissão que a apresentará com o seu parecer á assembléa geral seguinte, a qual resolverá.

Art. 13.º—A assembléa geral ouve o relatório da Commissão sobre a administração do anno findo.

Nomeia uma sub-commissão de 3 membros encarregada de verificar as contas do thesoureiro, durante o novo anno, e de as relatar á assembléa geral annual.

(Continua).

Secção litteraria

Bulhão Pato

IV

(Continuado do numero antecedente)

Onascer do sol no Tejo, o nosso formoso e grande rio, em dias de outono, é um dos mais encantadores espectaculos que os olhos podem gosar, e esta digressão, rio abaixo, até Belem, e d'ahi para o sul, era um delicioso *lever de rideau* das nossas caçadas, a que nem sempre correspondia o resto do espectáculo. N'isto como em tudo.

Preferiam os barqueiros ir á vela, nós a remos. Não tínhamos a distracção da manobra, o cambiar do panno, o procurar o vento, o regular o leme e a escota, mas por isso iamos mais quietos, vendo tudo melhor e conversando.

Em materia de conversar ha os que gostam de falar e os que preferem ouvir. Bulhão Pato é dos primeiros, eu dos segundos. O que eu sei não é novo para mim: o que os outros me dizem pode sel-o. E d'aqui não se segue que eu seja modesto, antes talvez se deva concluir que sou curioso.

Talento e palavra espontaneos, e sempre em acção, o poeta de todos os assumptos tira partido; e elle, que não é um naturalista, um sabio, é um fino observador da natureza, e assim na sua conversação o mundo real reforça e concretisa o imaginativo.

Assim como os companheiros, varia-

vam os assumptos. Se iam artistas, musicos, predominava o lyrismo—S. Carlos, os tenores, as *primas-donnas*, os *maestros*; se nos acompanhava algum politico—caso raro, que os politicos atiram a outra caça—era a oratoria—José Estevão, Passos Manoel, Rodrigo, Rebelo da Silva, Garrett; se iam mundanos, então eram bailes, amores e aventuras; não faltavam assumptos para os quadros, nem ao artista as côres para os pintar. Uma coisa havia prohibida e banida da nossa sociedade—era o silencio.

Quando nós, ao largar da Rocha, nos conservavamos cinco minutos callados, Bulhão Pato protestava:

—Leva de rumor!—dizia elle, apostrophando comicamente o nosso mutismo. Parece que morreu aqui alguém! O' Diogo, tu passaste mal a noite?

D. Diogo, d'uma antiga e nobre familia do Alemtejo, era um dos mais intimos amigos do poeta.

Era-o desde a infancia: tinham frequentado juntos o collegio inglez da rua do Quelhas. Nascera na India. Os olhos e os cabellos pretos, os dentes alvissimos, e a côr bronzada do rosto, denunciavam n'elle o exotismo da procedencia, a influencia do sangue oriental. Excelente rapaz e intelligente, era um magnifico companheiro—d'estes que não se sentem, que não pesam.

Comô todos os caçadores que são um pouco artistas, Diogo não desgostava do pittoresco, e tinha, de tempos a tempos, os seus caprichos de *toilette*. Um dia, depois de ostarar aos nossos olhos de amadores uns lindos ceifões amarells de pelle de cabra, preparada á cordoveza, debruados de vermelho, e orlados de phantasiolos florões, abertos sobre panno da mesma côr—obra prima d'algum artista andaluz—para completar o effeito tirou da sacca um barrete, tambem vermelho, com uma longa e fornida borla preta, e pol-o na cabeça, ageitando-o artisticamente. Diogo não era bonito, mas aqui a côr salvava o desenho.

Um esplendido modelo para um Fortuny! A paleta completa—uma orgia de côres! Vermelho, preto, encarnado, amarello, estrellantes, illuminados pelos raios do sol nascente, e destacando sobre o fundo verde do mar! O que faltou foi o pintor.

Chegou a vez do cigarro, e a bolsa do tabaco e o fusil de Diogo tambem eram elegantemente historiadoss.

Depois de o accender, elle relanceou os olhos alegres sobre nós, acabando pelos pôr em Bulhão Pato.

No olhar de Diogo havia uma provocação á galhofa, na sua bocca brincava um sorriso gaiato.

Então Pato, que estivera a olhar para elle, desde a imprevista appareção do barrete vermelho, disse-lhe, com uma grande seriedade:

—Estás bonito, estás. Pareces o bey de Tunis!

O effeito foi fulminante, e a gargalhada geral. O proprio Diogo ria como um perdido.

O ataque não ficou, porém, sem réplica. Cruzados os ferros, houve alguns *coups de bouton* bem executados, bons ataques e boas respostas, proprias de dois jogadores que se conheciam, que se estimavam e que se respeitavam. Um assalto de chistes para a risata.

Travado sobre a superficie das aguas, participou da natureza d'ellas—os golpes não eram sanguinolentos, mas eram salgados... E por isso lá ficaram no *salso argento*.

E nós ainda a rir, um barco a passar perto, e um dos filhos do Lourenço a gritar-lhe:

— Ai, minha perna, sr. doutor!

Os varinos acudiram á resposta na linguagem que lhes é peculiar, e que, se é propria, não é correctá. Elles usam de bragas — mas não é na lingua.

As nossas baterias voltaram-se então para elles, e quando, já longe, não os podiamos ouvir, ainda os viamos gesticular... Era uma diversão aquella, quasi obrigada, entre os frequentadores do rio.



Francisco Gonçalves Rita

1.º sargento de infantaria n.º 5 — Atrador distincto

As gaióvotas vinham, ás vezes, reconhecer-nos de tão perto, que, apesar de não cultivarmos este genero de *sport*, se ellas se contassem á ida, haviam de achar alguma de menos.

Isto, porém, era raro. Patos tambem, se passavam ao alcance, eram saudados, mas de ordinario alteavam, ao ver-nos, e, apesar do que se costuma dizer, não lhes chegava o chumbo, não cafam.

Um dia é que o *lever de rideau* — o prologo — esteve quasi a ser tragedia. A espingarda de Bulhão Pato — era a de Eybar — deixara-a elle ficar em Alemquer, onde fôra caçar, e Cabral, que de lá a trouxera, mandou-lh'a na vespera. Cabral — um grande e experimentado caçador — era tudo quanto ha de mais cuidadoso; podia-se-lhe chamar, sem *calembour*, o rei das cautelas. Mas uma vez todos erram, e quando Bulhão Pato, que tinha o costume de dar um fogacho á espingarda, antes de principiar a atirar, o fez sem a menor desconfiança, porque nenhum dos *pistons* trazia fulminante, d'um dos canos saiu incendiada a polvora solta, mas o outro disparou um tiro a valer! Encarâmo-nos todos: estavamos illesos.

O que nos valeu foi o ter elle, tambem prudente, disparado, como usava sempre, por cima da borda.

— Hein! disse o poeta — de que nós escapámos! Mestre Cabral d'esta vez esqueceu-se!

E foi este, em tantos annos, o unico accidente que teve assomos de gravidade.

— E o mar, n'essas travessias? pergunta o leitor, curioso d'estes pormenores.

Como ao outono se segue o inverno, algumas fizemos em que o catraio do patrão Lourenço dançava um tanto sobre as aguas...

Um dia, que nós tinhamos escolhido para dar uma saltada ao Juncal, amanheceu-nos carregado o céu, asperrimo o sudoeste, prometendo agua, de inundar um Sahara!... A resolução estava tomada, e nós fomos por terra a Belem. Lourenço, que não nos viera buscar, por ver a feia

catadura do tempo, levou-nos ao caes, e ali, com os braços abertos e as mãos espalgadas, mostrando-nos as ondas verde-escuras, crespas, picadas pelo vento, franjadas de espuma, e o mar deserto, disse-nos:

— Os senhores bem veem... Nem um pau ao cimo d'agua! E acrescentou, para reforçar — Os outros senhores que aqui tambem costumam vir, foram-se para casa...

— Então você, Lourenço, não nos quer levar. Tem medo? perguntou Bulhão Pato, olhando para mim.

— Eu não, senhor. Medo não tenho, mas é que os senhores ficam enxovalhados. Leval-os, levo-os eu. Agora enxutos... Por isso é que eu não respondo.

E o intrepido algarvio — elle era de Ferragudo — chamou, com o mesmo rosto sereno, os filhos, e saltámos todos para o barco. Armada a vela, que o vento logo enfunou, partimos. Atravessámos, com a borda quasi sempre rente da agua, e, uma ou duas vezes, eu senti fugir o banco de baixo de mim...

Já está morto um dos nossos companheiros d'então, que em taes casos se sentava logo em baixo, nos panciros.

Praticos do rio, habituados a viver n'elle, os nossos homens conheciam-o como os seus dedos; as correntes da agua e do vento viam-as tam bem que, n'esta manobra de virar de bordo, de baixo do vento, o catraio obedecia como um fino corcel, quasi sem parar na carreira, com tal certeza era feita, tão ajustados se concertavam os movimentos do que ia ao leme com o que cambiava o panno!

Iamos fazer o ultimo bordo, mais perto da terra, e que era o mais serio...

— Agora! disse o velho Lourenço, com os olhos na vela, ao filho, que ia em pé junto do mastro. O catraio parou um instante, a vela mudou, e elle seguiu. Mas, n'esses momentos, quem vae no barco e não é do mar, é que lhe sente o balanço.

Conforme elle dissera chegámos a salvo, se não enxutos. Ainda assim a aspersão foi levissima, se attendermos ao que prometiam o vento, o ceu, e o mar!...

Bulhão Pato teve muitas mais occasiões de affrontar a torva catadura do Padre Tejo, e depois, no mar largo, as temerosas iras do Oceano. Mas, como tanto se pode morrer affogado aqui como lá, sente-se um grande praser quando, roçando pelo perigo, lhe escapamos... pela tangente.

(Continúa).

ZACHARIAS D'AGA.

CAÇA

Aos caçadores

Não sei se estão já apaziguados os animos, mas creio que luz brilhante terá lançado reflexos de verdade no espirito de muitos confrades.

E' rude, é espinhosa a tarefa que me impuz, de iniciar a regeneração cynegetica de Portugal, mas dá-me coragem o valor dos companheiros e consolação a *systematica* opposição dos adversarios; que uns e outros são no fundo, bons discipulos de S. Huberto.

Pondo de parte todo o passado, digamos com verdade que os Clubs e Associações de caçadores, cuja benefica influencia muito temos para louvar, têm luctado com insuperaveis difficuldades e têm visto

cahindo por terra muitos esforços benemeritos.

Hoje, todos os que têm trabalhado a favor d'esta causa, estão decerto convencidos que o maior obstaculo que temos encontrado é a falta de uma lei de caça. Não pensemos por'ora n'esse producto *exotico*, — Os espiritos não estão sufficientemente illicudados para o estudo de uma lei onde se entre-chocam interesses muito diversos e que levanta, como levantou em todos os paizes quando o progresso tocou este ponto, acaloradas e desagradaveis discussões.

O meu fim é muito limitado comquanto esteja crente de que o principio da minha proposta é o principal factor d'essa mesma regeneração que todos anhelamos.

As Associações e Clubs de caçadores contam hoje elementos valiosissimos e ninguem nos garante que tenhamos sempre a nosso favor as boas disposições de qualquer governo. E' preciso aproveitar. A essencia da minha proposta é para que as Associações e Clubs de caçadores representem collectiva ou separadamente ao sr. ministro do reino ou ás camaras legislativas, pedindo uma lei que unifique o tempo defezo de baixo das seguintes bases:

Art. ... — E' prohibido caçar nos districtos de Aveiro, Braga, Bragança, Guarda, Porto, Viana do Castello, Villa Real e Vizeu, desde o dia 1.º de março de cada anno até ao ultimo dia de agosto, sendo considerado primeiro dia de caça o dia 1.º de setembro.

Art. ... — E' prohibido caçar nos districtos de Beja, Castello Branco, Coimbra, Evora, Faro, Leiria, Lisboa, Portalegre, Santarem e ilhas adjacentes, desde 15 de fevereiro até ao dia 14 de agosto, sendo considerado primeiro dia de caça o dia 15 de agosto.

§ unico. — E' porém permittida a caça das codornizes, nos terrenos onde estejam levantadas



Vicente Roberto

Distincto bandariheiro portuguez.

Fallecido em Salvaterra de Magos em 1 de junho de 1896

as respectivas colheitas, comprehendidas nas lezírias do Tejo pertencentes aos concelhos de Azambuja e Villa Franca de Xira:

Art. . . . — Durante o tempo defeso é absolutamente prohibido comprar, vender, transportar ou colportar qualquer especie de caça, sob pena de apprehensão da mesma e multa de 10\$000 réis.

§ 1.º — Aos governadores civis, administradores de concelho, presidentes das camaras municipales, chefes de policia fiscal e rural, compete fazer fiscalisar as disposições da presente lei, pela policia civil, officiaes de deligencias, regedores, cabos de policia, cantoneiros das estradas, guardas fiscaes, campestres, ruraes e fluviaes ou por quaesquer outros subordinados que possam ser encarregados d'estas fiscalisações.

§ 2.º — Aos administradores de concelho e aos delegados do procurador regio compete fazer instaurar os respectivos processos logo que tenham conhecimento de infracções da presente lei.

Art. . . . — Continua em vigor toda a legislação anterior sobre caças que não vá de encontro ás disposições da presente lei.

No primeiro artigo d'esta proposta estão expressos os desejos dos caçadores do Norte, no segundo a coherencia com a nossa proposta anterior e no seu paragraho a satisfação dos codornizeiros. No conjuncto identifica-se a minha proposta com a legislação hespanhola.

Se ha forma de todos nos entendermos dentro d'esta bitola vamos ao trabalho que ainda ha tempo de fazer alguma cousa durante a actual legislatura.

H. ANACHORETA

Tratando de caça

Carta ao Sr. Joaquim Pires dos Santos

PERMITTA-ME, meu illustre confrade e amigo, que d'uma cajadada eu mate dois coelhos; quer dizer: consinta-me que, respondendo á sua carta publicada n'este jornal em 1 d'abril hontem findo, sob o titulo *um alvitre*, tenha respondido tambem, simultaneamente, á que, tratando do mesmo assumpto, particularmente me escreveu.

Faltam-me o tempo e o descanso, principalmente agora, para me poder occupar, detida e bem attentamente, do objecto exposto pelo meu amigo em sua carta; mas, como me pede sobre elle a minha insignificante opinião, não posso furtar-me ao seu desejo. Como costume fazer sempre, ella ahi vae, franca e desapaixonada; mas, conforme a minha prolepse e a minha presciencia, sómente em duas palavras lh'a direi.

E' o meu amigo, sem a menor sombra de dissentimento, um dos mais distinctos e apaixonados caçadores; não me admira, por isso, vê-lo sahir a terreiro pela causa immensamente justa da defeza da caça, ou, antes, das leis que a protegem.

Não concordando em absoluto com a classificação que se dá de «não bom atirador», nem com a sua obsequiosa determinação venatoria a meu respeito, dê-me licença que desfaça aquillo que, relativamente a nós, o amigo fez, e defina, differentemente, como deve ser, a sua e a minha individualidade no mundo cynegetico: deixe-me, como é de justiça, adjectivar-o como me adjectivou, e que me qualifique como, por excesso de modestia, se qualificou a si.

Agora, no meu verdadeiro logar, na minha legitima posição, emittirei o meu parecer ácerca do seu louvavel pensamento.

São effectivamente as armadilhas — os

laços, mais usados ahi, no Alemejo, e as ichozes, mais usadas no Douro — que devastam o maior numero de perdizes, e são tambem as ratoeiras as que apanham mais lebres e coelhos. Uma das medidas que se podiam pôr em pratica para evitar esta grande devastação das lebres, coelhos e perdizes era a que o meu amigo lembra e aconselha — a de se quotisarem os caçadores e terem empregados seus em diversas estações de caminhos de ferro, encarregados de examinar a caça e de apprehender a que fosse illegalmente morta; não se me afigura, porém, de mactiços resultados tal medida, porque o processo da sua execução tinha de ser moroso, difficil, e, muitas vezes, d'averiguação assazmente duvidosa. Tambem não creio que os caçadores, embora sejam todos muito boas pessoas e reclamem constantemente remedios efficazes para a cura dos males que dão cabo de toda a caça, pratiquem a *generosidade* de contribuir, voluntariamente, com a quantia pelo meu amigo indicada, apesar da sua exiguidade.

A fiscalisação da forma por que o meu amigo nol-a mostra, resultaria cara, muito cara, e eu não me convengo de que se possa recolher receita capaz de fazer face a despeza tão avultada.



Eduardo Ferreira

Joven cyclist, socio do Velo Club de Lisboa

Não quero dizer com isto que seja mau o seu alvitre, nem que se não tente leve-lo por diante; mas a minha cançada pratica no meio de recorrer-se á liberalidade do genio venatorio, tem-me mostrado que os calculos fallham, na maior parte dos casos, em percentagem superior a 75%.

Sou velho n'estas lides e regorgito, por isso, de desillusões colhidas nos enganos d'alma a que nos levam ás vezes a nossa paixão e o nosso entusiasmo por amor d'essa arte tão sublime que o fundador do primeiro imperio conhecido, Nemrod, exerceu com a mais viva exaltação do seu espirito; sou, pois, quasi um descrente, quasi um pessimista, n'esta carunchosa questão em que andamos, ha enancado tempo, de aperfeiçoar-mos as leis da caça e conseguirmos para ellas um verdadeiro respeito.

Os nossos classicos administradores, regedores e cabos de policia podiam auxiliar-nos a valer, nos concelhos ruraes, onde as leis venatorias mais se arrastam pelas ruas da amargura; mas a politica, essa *aza negra* que tudo tolhe, que tudo desorienta, que tudo desarranja e põe fóra do campo da legalidade, do theatro do verdadeiro sér das coisas, não deixa que o dever e a justiça desempenhem o papel que lhes foi confiado pelo seculo desen-

ve, em que tudo se devia vêr á luz clara, nitida, com que procura illuminar-nos o espirito o facho da razão.

Porto, 1 de maio de 1898.

(Continúa)

B. DE SÁ.

Sr. Relactor.

Tenho visto quanto o seu jornal e as associações de caçadores tem pugnado, e estão pugnando pelo *defezo da caça*; julgo, porém, que pouco adiantarão, porque quem nos devia auxiliar, pouca importancia liga aos nossos esforços; não só não obrigam a que as leis de caça sejam rigorosamente cumpridas, mas, o peor é que temos de andar quasi mendigando pelo amor de Deus, de porta em porta, para que ella se cumpra, cohibindo abusos que sempre se estão praticando.

Quasi todos os dias está entrando caça pelas barreiras. Nos vapores que veem do sul, constame, vem a caça em fundos falsos nos caixotes, outra misturada com a creação, ficando dentro do vapor; depois de todos passageiros sahirem, vem aos poucos para terra. Será verdade? Ainda não ha muito tempo que ás portas do Arco do Cego passou uma perdiz viva no meio d'uns borrachos!

Mas, o peor não é isto; nos campos não ha fiscalisação alguma, commette-se toda a qualidade de vandalismo: caça-se por todas as fórmas, escangalham-se ninhos de perdiz, louras de coelhos, etc., e, infelizmente, não ha auctoridades que ponham cobro a estas selvagerias.

Vulgarmente o caçador está em contacto com os camponezes (sou um d'elles); já lhe tenho perguntado qual a razão porque elles commettem todos estes barbarismos, respondem-me:

— Nós matamos tudo quanto vejamos; não ganhamos para comer, havemos de ter nove mil e tantos réis para ir á caça com uma espingarda e um cão! (que é quanto custa actualmente estes dois objectos indispensaveis ao caçador). Se fossem 2 ou 3\$000 réis todos nós teriamos licenças, mas assim não a tiramos; seremos caçadores furtivos; como a caça é só para os ricos, nós havemos de matar mais do que elles.

Não acha que a resposta é um tanto justa? Um alvitre com que a fazenda e a camara teriam tudo a ganhar, é o seguinte:

Lance a camara uma taxa de 1\$000 réis a cada cão de caça; para isso o dono vá munido da sua licença de porte d'arma no exercicio da caça, mas sem mais emolumentos.

A licença de porte d'arma no exercicio da caça, que não exceda a 2\$000 réis com todos os emolumentos.

Sendo depois d'isto transmittidas ordens a todos os administradores dos concelhos, a quem se lhe exija toda a responsabilidade das infracções da lei, estes exijam a todos os regedores a mesma responsabilidade dentro das suas freguezias.

Como o caçar é para o caçador um vicio e uma paixão, todos, por uma importancia tão insignificante, não deixavam de ter licença para a espingarda e para o cão, para não estarem sujeitos á pena que lhe cabe por tal transgressão.

Na localidade onde eu costume ir passar o verão, todos os annos, e quintas proximas, sahem 25 espingardas á caça, e sabe quantas licenças de porte d'arma existem? só a minha, porque ainda não houve auctoridade alguma que lhes perguntasse por licenças nem de espingarda nem dos cães.

Creio que este assumpto bem estudado por quem o deva e saiba estudar dará o resultado apontado por mim.

Um curioso.

O defezo

Do nosso estimado collega a *Folha de Beja*, no seu numero de 21 do mez findo:

Tudo como d'antes. Continua-se a caçar descaradamente, como se não estivéssemos no tempo defeso. No sabbado de alleuia, sabemos nós que em varios sitios se caçou á vontade, e, se se investigasse bem, parece-nos que se chegaria a apurar que nem uma só das povoações do nosso concelho foi excepção a este abuso.

Porque não procura a auctoridade fazer respeitar o defeso.

Parece-nos que tudo havia a lucrar, alem de se fazer cumprir uma disposição legal de reconhecida utilidade.

Ou o defeso já não vigora por estas paragens?

Do nosso estimado collega de Cintra, *O Salvo*, de 23 do mez findo:

Appellamos para o ex.^{mo} administrador do concelho, certos de que s. ex.^a nos attendêrã no que expomos, e darã promptas providencias.

Nos logares de Montevar, Morelena, Maceira e Peropinheiro, campeia uma troupe de caçadores furtivos, os quaes se entretêm a armar de noite, ratoeiras aos coelhos, e não contentes com isso, ainda por cima as conservam armadas durante todo o dia, não só prejudicando a caça, como também podendo originar qualquer desastre, attendendo a que muitas são armadas em propriedades não muradas, e que por isso qualquer pessoa, ou qualquer animal que por ali passe pode por ellas ser ferido.

Quem escreve estas linhas já ha tempo sabia d'estas proezas, que ultimamente lhe foram confirmadas pelo velho e honrado caçador Paulo Franco, de Montelavar.

Esperamos ter occasião de muito em breve poder apresentar á dignissima auctoridade administrativa outros abusos, se, como esperamos s. ex.^a der providencias contra o abuso que referimos.

Se couber no espaço, referir-me-hei no proximo numero a um grupo de verdadeiros amadores da caça que justamente procedem em contrario dos que não respeitam o defezo.

F. G.

Uma participação do caso, por escrito, com duas testemunhas, dirigido á Direcção da *Associação dos Caçadores Portuguezes*, talvez produza o effeito desejado.

Do nosso collega *A Folha de Beja* de 28 de Abril:

O sr. administrador do concelho mandou finalmente annunciar que é defeso caçar lebres, coelhos e perdizes e toda a caça que não seja de arribação, desde o 1.º de abril até 30 de junho.

Tambem se fez publico que é expressamente prohibido, em todo e qualquer tempo, o exercicio da caça com laços, ratoeiras, *chama* ou outras armadilhas traçoceiras.

Estamos perfeitamente de accordo com estas determinações, tantas vezes por nós reclamadas, neste jornal, Oxalá ellas sejam respeitadas, como o devem ser.

Com o que porém não podemos concordar é com a data do edital, que vemos ser de 22 de abril! Pois como é que só em 22 de abril se annuncia que é prohibido caçar desde o dia 1.º do mesmo mez?!

Lá nos parece forte.

Em todo o caso, cumprase o defeso, que já estamos satisfeitos, pois lá diz o rifão que vale mais tarde que nunca.

Club dos Caçadores do Porto

Foi, effectivamente, em 17 d'abril, como tinha dito, que se realiso, este anno, a abertura da Escola de Tiro.

Começou-se com um torneio ordinario de tiro a chumbo, no qual tomaram parte 14 atiradores.

Os alvos para cada um foram. 2 pombos, 2 passaros, 2 vidros, 2 espheras e 2 balões. N'estes dez alvos, cada atirador teve os seguintes bons: Albino Guimarães, 9; Baptista de Sá, 9; Dr. Jayme Ribeiro, 9; Antonio Santos, 8; Aurelio Seara, 8; Daniel de Campos, 7; Heitor Antunes, 7; Luiz Mexia, 7; Dr. Pedro Ferreira, 7; Felisberto Cepeda, 6; João Magalhães, 6; Miguel Mattos, 6; A. Corrêa, 4; C. Lima, 1.

No segundo torneio, effectuado em 24 do mesmo mez, entraram 25 atiradores, alguns dos quaes pela primeira vez, obtendo cada um o seguinte resultado, em 2 pombos, 2 passaros, 3 vidros, 4 espheras e 2 balões que alveju: Albino Guimarães, Baptista de Sá, Daniel de Campos e Luiz Pinto, 11 bons; Carlos Albuquerque e Paiva Freixo, 10; Eugenio Ribeiro, Miguel Mattos e Dr. Ferreira, 9; Antonio Santos, Heitor Antunes e Dr. J. Ribeiro, 8; A. Silva, João Magalhães, Norberto de Mattos e Reinaldo Teixeira, 7; Luiz Mexia, 6; J. Couto e M. Freitas, 5; A. Barros, 3; J. Moraes e M. Teixeira, 2; Antonio Corrêa, C. Lima e Felisberto Cepeda não concluíram o torneio.

As secções de tiro á bala vão começar dentro em pouco, receia-se, porém, que não sejam muito concorridas, e que tenham até de suspender-se, por ser aqui prohibida a venda e im-

portação de cargas e clavinas mais adoptadas na Escola de Tiro.

Era meu desejo dizer hoje, aqui, alguma coisa, sobre as medidas de enfreamento contidas no decreto de 31 de maio de 1896; tratarei d'isso em outra occasião: agora não posso ser mais extenso sobre o assumpto.

Deixe-me agradecer-lhe á pressa, muito de fugida, mas muito reconhecidamente, as phrases excessivamente amáveis, cheias de favor, que «O Tiro Civil» me conságra no seu numero 136, em um artigo que, sob o titulo «Club dos Caçadores do Porto», publicou essa illustre redacção; d'essas phrases, a parte que me toca não a cederei a ninguém — digo-o com ufania, manda-me, porém, a minha icaldade, e o meu cavalheirismo, que a outra parte a indosse áquelles que igualmente se tem empenhado pela prosperidade do Club, e que não são poucos.

Não é dos mais antigos n'este empenho o Dr. Jayme Ribeiro, presidente actual da direcção; mas a sua persistencia, a sua vontade de ferro e a extraordinaria dedicacção que vota aos interesses do Club, o seu enthusiasmo inexcédível pela Escola de Tiro e os seus ardentes desejos por que esta suba o ultimo degrau das escadas da perfeição, impõem-me o estricto dever de o extremar, desde que se acha á frente dos destinos do Club, d'entre outros que, como elle, tem jus aos elogios enderessados aos que mais se salientam na campanha de engrandecer a nossa agremiação.

Porto, 30 de abril de 1898.

B. DE SÁ.

Associação dos Caçadores Portuguezes

BOLETIM MENSAL

Abril

Saldo do mez anterior.....	213\$495
Receita.....	226\$340
	439\$835
Despeza.....	213\$225
Saldo que passa a maio.....	226\$610
Correspondencia recebida, officios n.ºs 69 a 91 (23).	
Correspondencia expedida, officios n.ºs 864 a 1175 (322).	
Caçada realisada.....	1.
Raposas abatidas.....	4.
Auctoações e processos.....	5.
Socios admittidos.....	11.
Lisboa, 30 de abril de 1898.	

O SECRETARIO

Henrique Anachoreta

Socios admittidos:

Francisco d'Alfena, D. Francisco Correia de Sampaio Mello e Castro, Julio Pires Junior, Dr. João de Paiva, José Vianna, Eduardo Bruno, João Guilherme Pereira, M. Cid, João Antunes dos Santos, Alfredo Pereira Lavos, Manuel Serzedello Iglezias, Ivo de Lima Netto, Henrique Salles Henriques, Guilherme Rolin, Oscar Blanc, Manoel Rodrigues Formosinho, Alfredo Cambournac, Antonio Carneiro, José Pena, Theodor Brandão, H. J. Passos, Fernando Augusto Xavier de Basto, Joaquim Soares Bellem, Guilherme d'Araujo Bastos.

VELOCIPEDIA

União Velocipedica Portugueza

A fundação das uniões de Atiradores Civis e Foot-ball, animam-me para novamente tratar da *União Velocipedica Portugueza*, collectividade esta que se está tornando bastante necessaria no momento actual em que a velocipedia toma um grau de desenvolvimento muito para notar.

Já em tempo um grupo de dedicados cyclistas tomou á iniciativa de nomear uma commissão para estudar as bases em que se devia fundar a *União*. Essa commissão porém até hoje ainda se não dignou, dar contas dos seus trabalhos, o que nos leva a crêr que nunca mais pensou em semelhante cousa.

O mesmo esperavamos, pois que essa

commissão era composta de cyclistas amigos d'uma conhecida casa de machinas, e não de delegados dos clubs que em Portugal cultivam o sport velocipedico. Só assim é possivel talvez, conseguir-se o que os verdadeiros entusiastas pelo cyclismo, ha muito reclamam: a *União Velocipedica*.

Existem em Lisboa 2 clubs exclusivamente velocipedicos, outros 2 com secções do mesmo ramo de sport, um importante no Porto, outros em Aveiro, Figueira da Foz, Vianna do Castello, Coimbra, etc., fóra muitos cyclistas que não estão aggremiados e que decerto da melhor vontade, fariam parte da *União*, de onde lhes advinham vantagens de reconhecida importancia. Pois bem, trabalhe-se pela imprensa, ouçam-se como tencio fazer, as opiniões sobre este assumpto dos nossos principaes cyclistas, unam-se todos os verdadeiros *sportsmen*, tome algum club a iniciativa official d'uma convocação aos restantes centros de sport e cremos que Portugal poderá em breve collocar-se ao lado dos demais paizes que como a Hespanha, embora pobres, possuem fortes Uniões velocipedicas.

(Continua).

PAULO ZITTE.

Viva José Bento Pessoa

Na secção de *Sport* do nosso estimado collega, *O Jornal de Lisboa*, superiormente dirigido pelos nossos estimados collegas e bons amigos *Elgabri* e *Paulo Zitte*, pseudonimos, bem conhecidos do nosso sport, é o *Tiro Civil*, tratado tão carinhosamente, que d'aqui lhe enviamos um aperto de mão.

A proposito do nosso alvitre para que os velocipedistas portuguezes brindem José Bento; o nosso collega, trenscrevendo-o, precede-o das seguintes palavras:

«O nosso querido collega *O Tiro Civil*, no seu numero ultimo, chama a attenção dos nossos clubs para o seguinte alvitre, que calorosamente applaudimos. Prestar homenagem aquelles que nos honram no estrangeiro, é o nosso dever, e portanto, trabalha-se já n'esse sentido. Eis o alvitre:»

Rematando depois com o seguinte aditamento a que damos todo o nosso apoio:

«Em aditamento a este alvitre, lembravamos que o brinde fosse conduzido por «estafetas» até á fronteira no dia em que o valeroso corredor viesse á sua patria.

O brinde poderá ser acompanhado por uma saudação calorosa dos seus compatriotas.

Crêmos que todos os cyclistas portuguezes quizerão ter a honra de conduzir o brinde e por isso não duvidamos que a corrida de «estafetas» seja tambem um facto.

Ahi têm os clubs os dois alvitres para os quaes e especialmente para o do *Tiro Civil* pedimos toda a attenção.

A direcção do *Gymnasio Club Figueirense* annuindo ao alvitre exposto pelo *Tiro Civil* ultimo, vaie iniciar uma subscrição entre os socios a fim de que seja offerecido ao distincto campeão uma lembrança dos Clubs Velocipedicos portuguezes.

O *Gymnasio Figueirense* não podia ficar alheio a uma tão sympatica ideia sendo José Bento Pessoa um dos seus mais antigos socios.

Oxalá todos os Clubs acompanhem tão justa manifestação a quem, tanto no paiz como no estrangeiro, tem sabido honrar o cyclismo portuguez.

Brevemente enviaremos a essa redacção

a importancia subscripta e pedimos a todos os Clubs se dignem enviar tambem ao *Tiro Civil* o producto das suas subscrições.

Entendemos que deve ser a redacção d'este jornal a depositaria das quantias subscriptas, não só por ter sido a que alvitrou tão sympathica ideia, como por ser hoje o órgão mais auctorizado do *sport* portuguez.

Nas corridas realisadas em Turim nos dias 18 e 19 do corrente não pôde José Bento tomar parte n'ellas, por se achar bastante incommodado, e terem-lhe os medicos prescripto um mez de descanso a fim de não se agravarem os seus padecimentos.

José Bento já se encontra melhor e brevemente começará o treno para novas corridas.

Figueira da Foz, 26 abril, 1898.

Ciclismo

O facto mais importante do mez passado foi sem duvida o *matach* principiado entre a bem conhecida amazona Madame Mathilde Maestrick e o não menos conhecido cyclista Manuel Ferreira, no Velódromo D. Carlos. Como os nossos leitores já devem saber não se terminou aquella *match* motivado pela queda á 3.^a volta do cavallo que montava Madame Maestrick, do que lhe resultou ficar bastante maguada.

Mesmo assim aquella corajosa senhora queria continuar, não lho sendo permitido por pessoas para quem era bem notorio o seu estado.

Realisaram-se depois umas corridas entre Manuel Ferreira, Moniz, Mouton, Heredia e outros á o tendo enthusiasmo algum já pela má disposição em que ficou o publico que era numeroso, já pelo receio de que os cyclistas estavam possuidos pelo pessimo estado da pista que mais parecia uma estrada sertaneja.

Admiramo-nos que se abrisse n'aquelle estado um velodromo, pois que além dos cyclistas andarem arriscados a um grande perigo, não tem terreno algum para trenos, querendo nós ver como elles se portarão nas corridas do Centenario.

Se não tratarem immediatamente das reparações que necessita, estamos certos que nenhum cyclista estrangeiro ali correrá.

A imbecilidade de parte do nosso publico, que nunca sabe quaes são os seus deveres e os seus direitos, mais uma vez se patenteou. Em logar de requisitar o seu dinheiro — no que estava no seu plenissimo direito, — quasi arrazou de todo a vedação dos logares de peões, portando-se a nossa policia, como de costume, não castigando os que se julgavam em propriedade sua.

No dia 17 do mez findo realisou-se o record Caldas da Rainha-Lisboa, estabelecido pelo distincto e bem novo cyclista Eduardo Ferreira.

O record foi offerecido ao Real Gymnasio Club Portuguez e Velo Club de Lisboa d'onde o recordista é socio.

A sahida das Caldas foi dada ás 9 e 35 da manhã pelos srs. Montez e Accacio Sotto Mayor delegado do «R. G. C. P.» e «V. C. L.»

A chegada a Lisboa (Campo Grande) foi á 1 e 36 da tarde, sendo o jury composto pelas srs. Zea Bermudes do R. G. C. P. e Eduardo Silva, Fernando Viegas e Tenorio Oliveira do V. C. L.

O record foi pois feito em 4 horas e 1 minuto.

Temos a absoluta certeza que Eduardo Ferreira baterá com grande vantagem o record que agora estabeleceu, ainda que a estrada de Villa Franca a Lisboa, esteja, como está, n'um estado lastimoso.

Eduardo Ferreira teve á sua chegada uma brilhante recepção, feita pelos seus amigos que o esperavam, pois que muitos a quem de direito interessa o ciclismo, não se dignaram comparecer.

Um grupo de amigos socios do V. C. L. offereceu-lhe no Leão d'Ouro um opiparo almoço, levantando-se á sobrezeza immensos brindes.

A Direcção do V. C. L., igualmente o convidou a vir á sua séde onde lhe foi offerecida uma taça de *champagne*, levantando-se igualmente muitos brindes que tiveram por alvo especialmente as diversas pessoas e collectividades que tem trabalhado a favor do nosso *sport*.

O V. C. L. realisou no domingo 24, o seu 1.^o passeio official, d'este anno, a Queluz. A partida foi ás 8 horas da manhã, seguindo

os cyclistas pela Avenida até o Campo Grande, largo da Luz, Porcalhota até Queluz.

Depois d'um pequeno descanso dirigiram-se os cyclistas para o Hotel Bragança, onde se effectuou o almoço, que correu no meio de uma ordem digna de registrar-se.

Não houve a menor semsaboria esperando cada um que o servissem e não assaltando, como já temos visto, as travessas de comidas, mais parecendo famintos que excursionistas.

Ao almoço juntaram-se 32 cyclistas, numero inferior ao que outros passeios tem levado, mas composto de pessoas que conhecem perfeitamente o respeito que se devem a si, para conservar o bom nome do Club.

A volta effectuou-se pela Cruz Quebrada, ficando todos maravilhados com o lindo passeio.

Já regressou de Sevilha para onde tinha partido em bicycleta no dia 15 do mez findo o nosso amigo Frederico F. Pinto Basto.

Fez uma viagem esplendida e n'um tempo assaz curto para passeio, isto é 49 horas.

N'este tempo é incluido o descanso quer para dormir quer para comer.

Felicitemos este nosso amigo, quer pelo bom resultado do seu passeio, que, quasi se pode chamar um record, quer pela nomeação de director da Fabrica de bicycletas *Humber* (Portugal) que vae recomenciar a construcção de machinas.

Parece que a Camara lá se lembrou de que não é só a nós cyclistas que nos deve incomodar com licenças e attestados de saber andar de machina.

Aos cavalleiros tambem agora os vae obrigar a sujeitarem-se a um exame, e não sabemos tambem se a pagarem uma licença, pois é bem notorio que apezar d'essa licença ser obrigatoria, pouquissimos são os que a possuem.

Indicamos á Camara um meio de os obrigar, que não é nada em favor do publico — no que ella se regosijará — lance os caçadores de multas aos cyclistas, para os cavalleiros, e verá que não perde com a troca.

O R. C. V. P. realisou hoje o seu primeiro passeio official a Setubal onde consta terem preparado uma recepção brilhante.

CYCLO.

TAUROMACHIA

Vicente Roberto

Vicente Roberto, irmão do grande toureiro Roberto da Fonseca, foi um dos primeiros bandarilheiros do seu tempo, porque realisou com perfeito conhecimento todas as sortes de bandarilhas que se podem executar com os nossos touros. Bandarilhando a *sesge* era elle segurissimo e certo, dominando as rezes com sem igual elegancia e maestria, no que era poderosamente ajudado pelas suas excepçoneas facultades.

Na sua honrosissima carreira artistica, que durou 38 ou 40 annos, lidou em cada epocha não menos de 55 a 65 corridas.

Nos ultimos 6 annos, uma pertinaz doença obrigava-o já a espaçar mais as suas vindas á arena, impedindo-o em absoluto de tourear, uns dois annos mais tarde, vindo a fallecer a 1 de junho de 1896 na sua terra natal: a historica Villa de Salvaterra de Magos, onde nasceu em 1836.

Os paes de Vicente Roberto, D. Maria Gertrudes da Fonseca, destinaram-n'o ao officio de alfayate, em que praticou, mas a sua *aficion* levou-o a applicar-se mais ao toureiro, lidando touros pela vez primeira, em Almada, quando apenas contava 13 annos de idade.

Entre os assistentes estava o afamado cavalleiro Conde de Vimioso, que no fim da corrida desceu ao *redondel*, abraçou o novel *diestro*, e presenteou-o com um fardamento de bandarilhario.

Desde então Vicente ficou consagrado toureiro, e em 1858 estreou-se no Campo de Sant'Anna, entrando em 1861 para o

quadro effectivo de artistas contratados pelo empresario Alegria.

No anno seguinte, 1862, deu na mesma praça o seu primeiro beneficio, apresentando n'esta tarde ao publico de Lisboa, seu irmão Roberto da Fonseca, o toureiro mais toureiro que temos visto.

Em 1865 na praça de Badajoz lidou touros em pontas, ante o exigente publico hespanhol que o applaudiu com ancia, bem como a seu irmão.

Difficil se nos torna referir todos os triumphos de tão preclaro toureiro, e por isso vamos fechar esta resumida descripção biographica, notando uma grave collida que teve em 1888.

Em 10 de setembro d'aquelle anno, toureando Vicente Roberto na praça da Figueira da Foz, um touro colheu-o e contundi-o gravemente, fracturando-lhe algumas costellas. Dando entrada, em perigo de vida, n'uma das enfermarias da Mizericórdia da Figueira, taes provas de carinho, amizade e dedicação, recebeu do digno provedor sr. Commendador Affonso Ernesto de Barros, (hoje visconde da Rainha Grande), e srs. drs. Frederico Norueira de Carvalho, Fernando de Mello, José Jardim, etc. que apenas restabelecido doou aquelle sympathico e utilissimo estabelecimento com uma importante quantia, e no seu testamento legou-lhe um donativo, como penhor de gratidão.

Outros estabelecimentos pios participaram tambem da larga generosidade do fallecido toureiro, lembrando-nos que foram contemplados com varios legados, entre outros, os seguintes: Misericordias de Salvaterra, Santarem, Coruche e Monte-Pio de Salvaterra.

Dá isto bem a nota da limpidez do character do valente e arrojado toureiro, cuja morte é e sempre será sentida, especialmente por aquelles que tiveram a felicidade e honra de com elle privarem.

E. d'A.

José Joaquim Peixinho

DAMOS um excerpto do novo livro, do nosso bom amigo e collaborador taurino, Egidio d'Almeida, (E. d'A), pelo qual se poderá ver a importancia e o valor d'este trabalho que, como já dissemos, encerra a transcripção dos pontos mais interessantes das *memorias* de José Joaquim Peixinho, bem como as respectivas annotações.

Publicando, de preferencia os seguintes versos, em que o fallecido toureiro manifesta com exuberancia o seu sentimentalismo, crêmos ter feito á nova obra de Egidio d'Almeida o melhor reclame possible.

CAPITULO...

Passeio de Peixinho á Serra d'Arrabida em março de 1892. — Versos que dedicou aquella bella estancia. — Sua despedida do Mosteiro d'Arrabida.

Em março de 1892 Peixinho viajou a Serra d'Arrabida, é encantado pelo soberbo panorama que disfructou desde a terra do mesmo nome, escreveu como recordação os seguintes versos:

«Sentado nas penedias
«Sinto um certo conforto,
«Vejo as serranias
«E fico um pouco absorto.

«Penso, não sei em quê,
«Olho, não sei o que vejo
«Quero, não sei o quê,
«Tenho desejo sobre desejo.

«O que é isto? Será scisma?
«E' admiração que me attrae?
«E' a natureza que se abysma?
«Ou é o sentido que se esvae?

«Oh tu, natureza infinita
«No extase me vens prostrar,
«Bemdita, mil vezes bemdita,
«De joelhos vou-te adorar.

O festejado toureiro pediu pousada no Convento da Arrabida, e tão seduzido ficou do bom tratamento ali recebido, que dedicou ao velho mosteiro a seguinte despedida em jocosos versos:

Adeus ao meu quarto que era um dormitório dos monges:

«Adeus quarto n.º 10,
«Onde dormi bella somneca,
«Lembrei-me dos eremitas,
«Sonhei com muito padreca.



José Joaquim Peixinho

Eximio banderillero portuguez, fallecido em 12 de novembro de 1853.

«Pareceu-me ouvir fallar
«S. Semeão estellita,
«Vi-o rodeado de pobres
«Vi aquella alma bemdita.

«Accordei estremunhado
«Esta visão procurei,
«Foi sonho, estava enganado
«Nada vi, nada encontrei.

«Muitos tempos, quem me dera,
«Estar assim tão docemente,
«N'esta Arrabida eu quizera
«Dormir, sonhar eternamente.

Revista quinzenal

EM 14 de abril ultimo, com a 3.ª corrida da epocha, fez a sua apparição no Campo Pequeno o eminente Raphael Guerra (*Guerrita*).

Para lastimar foi que o gado fornecido pelo lavrador Emilio Infante sahisse tão ruim, tratando o festejado espada de o dominar com quanta mestria possui, e que em parte conseguiu.

O cavalleiro Fernando d'Oliveira soffreu

uma colhida na lide do 1.º touro, de que resultou cahir e ficar gravemente contundido na perna esquerda, e inutilisado para o trabalho. O seu collega Joaquim Alves substituiu-o com regular fortuna, sendo applaudido.

O 2.º touro da corrida foi rijamente pegado por Manoel Barra, que não teve ajudas promptas.

Em conclusão diremos: se o espada não fosse *Guerrita*, a corrida redundaria n'um *fiasco* medonho.

A *Quinito*, o espada sevilhano que melhores joias possui, competiu no dia 25 lidar na 4.ª corrida do Campo Pequeno touros do dr. Maximo Falcão.

Se as rezas do bachelar em direito em parte não satisfizeram, o trabalho do licenciado em taumachia tambem em parte não agradou, excepto na lide de bandarilhas, que foi de vista e merito, e na sorte de morte, que foi bem imitada.

Adelino e Joaquim Alves receberam applausos, especialmente Raposo na lide do 1.º, que era um touro real mas que se parava ao receber o castigo.

A pé todos os artistas se distinguiram, *pareando* com acerto, decisão, elegancia e alegria.

Torres Branco com o capote esteve incansável e o mesmo succedeu a Theodoro.

A gente da forquilha levou pancada basta, recolhendo dois homens á enfermaria, feridos por bandarilhas.

Quando se comprehenderá que este genero de lide é brutal, repugnante, e perigoso?

O publico, que enchia meia casa, fez grande ovação ao estimado cavalleiro Manoel Casimiro, que assistia á corrida no sector 1.

Folgamos de vêr entre nós o distincto cavalleiro, já restabelecido dos seus incommodos.

E. D'A.

As nossas gravuras

Guiga "Lançada,"

ESTE formoso barco propriedade do *Real Club Naval de Lisboa*, é elegantissimo e de magnificas condições nauticas. Ha tres annos que vence as regatas em que tem entrado; prepara-se agora para vencer nas proximas regatas de 17 d'este mez.

A sua distincta tripulação é composta pela seguinte fôrma: — patrão, Ximenes, — 1.º remador, Isac Levy; — 2.º remador, A. Lucena, — 3.º remador, Jacquet; 4.º remador, Diogo P. Branco.

Um bravo, aos bravos marinheiros.

Francisco Gonçalves Rita

Um dos atiradores da matricula d'este anno, que mais se salientou nos ultimos desafios de tiro á bala.

Gonçalves Rita, conta 29 annos, é primeiro sargento do regimento n.º 5 de infantaria, aquartellado n'esta capital.

Obteve premios no 1.º, 3.º, 5.º, 6.º e 7.º desafio, sendo os quatro primeiros de reis 5000, cada um, premios para atiradores inscriptos em 1897 e 1898; e no ultimo, o premio de 100000 reis, que era dos disputados pelos atiradores inscriptos de 1893 a 1896.

Que bom seria que no nosso exercito tivessêmos muitos atiradores como este.

Vicente Roberto

Na secção taumachica damos alguns traços biographicos d'este mallogrado toureiro.

Eduardo Ferreira

ESTE distincto e joven cyclistista, foi quem no dia 17 do mez findo, estabeleceu o *record* Caldas da Rainha-Lisboa.

Como já n'outro logar nos referimos a este facto, diremos apenas, que Eduardo Ferreira é um bello rapaz de 18 annos incompletos, natural de Lisboa; correu pela primeira vez em concurso em 1895, tendo desde então até hoje obtido 18 premios!

Está n'esta curta noticia, a sua biographia de distincto cyclistista de largo futuro.

José Joaquim Peixinho

Na secção taumachica tratamos d'este distincto e fallecido toureiro.

Correspondencia

A. S. P. da C.—*Rio de Janeiro*.—Recebemos e agradecemos a nova assignatura; ficou paga até Junho de 1899. Os numeros d'este anno foram remettidos pelo correio.

F. P. B.—*Móra*.—Agradecemos as duas assignaturas; os numeros de abril foram pelo correio.

D. A. Y. G.—*Madrid*.—Agradecemos; fica pago até dezembro d'este anno.

J. J. S.—*Evora*.—Satisfizemos ao seu pedido; o numero foi enviado pelo correio no mesmo dia.

R. C. da C.—*Lisboa*.—Está enganado, veja o nosso n.º 132.

ANNUNCIO



Casa da Moeda e Papel Sellado

A Casa da Moeda faz publico que durante o praso de validade dos sellos postaes commemorativos do Centenario da India, effectuará a venda dos mesmos sellos, do Continente, Açores, Madeira, Africa, India, Macau, e Timor bem como dos respectivos bilhetes postaes, e taxas de multa em todos os dias uteis das onze horas da manhã ás trez da tarde.

Antonio de Lima Carvalho.

Editor responsavel—Manuel Augusto Pinto
A LIBERAL—Officina typographica